CÃ¢mara dos Deputados Impresso em 17/02/2009 14:34 - PÃ¡gina 14 de 40

vieram, e eu pediria a V. Ex.ª, para formular a minha questão de ordem, Sr. Presidente,... (Manifestações das galerias.)

O SR. PRESIDENTE (Luiz Viana) — Houve uma questão de ordem semelhante a esta e que já foi decidida.

O SR. JOÃO CUNHA (MDB — SP) — Eu pediria para formular a questão de ordem vazada nos termos...

O SR. PRESIDENTE (Luiz Viana) — Eu pediria que V. Ex.ª citasse logo o Regimento.

O SR. JOÃO CUNHA (MDB — SP) — Eu gostaria de pedir a V. Ex.ª que desse a interpretação regimental que autoriza, ou saber se foi a pedido de V. Ex.ª ou por determinação do Palácio do Planalto, que tal fato se deu. Porque, temos aqui, Sr. Presidente, a questão de ordem formulada; os familiares de dois desaparecidos, hoje encontrados: Denise Antônio Casemiro, enterrado no Cemitério Dom Bosco e Luís Eurico Teixeira Lisboa enterrado no Cemitério Dom Bosco também; esses familiares querem os seus lugares lá, que não devem ser ocupados por policiais! (Manifestações das galerias.) Primeiro, Sr. Presidente, que V. Ex.ª determine essa verificação pela Segurança da Casa; em segundo lugar, se não for possível que V. Ex.ª dê ordem unida e tenho a certeza de que muitos sairão!

O SR. PRESIDENTE (Luiz Viana) — Eu faria um apelo às galerias para que se mantivessem numa atitude democrática e educada, porque, do contrário a Mesa se verá constrangida a fazer evacuar as galerias, o que fará inexoravelmente.

Quanto à questão de ordem ou ao problema — porque não chegou a ser uma questão de ordem — levantado pelo Deputado João Cunha, eu diria a V. Ex.ª que a Mesa jamais exigiu carteira de identidade para alguém penetrar nas galerias (muito bem.) De forma que, a entrada é pública, a entrada é livre, a entrada é franca e eu não posso fazer qualquer discriminação entre funcionários, professores, militares ou advogados. É possível que o Deputado João Cunha tenha condições de fazer isso, eu não tenho e a Mesa não tem. Continuará a sessão, para que ela não seja perturbada.

O SR. JOÃO CUNHA (MDB — SP) — Sr. Presidente, peço a palavra para uma questão de ordem.

O SR. PRESIDENTE (Luiz Viana) — Peço a V. Ex.ª que cite o artigo do Regimento em que V. Ex.ª se baseia.

O SR. JOÃO CUNHA (MDB — SP) — Pelo regimento do Exército de que é proibido este tipo de manifestação por parte de militares. (Manifestações das galerias.)

O SR. PRESIDENTE (Luiz Viana) — Perdoe, mas lembraria que o que V. Ex.ª está fazendo é apenas uma impertinência, não mais do que isso. (Pausa.)

Concedo a palavra ao nobre Deputado Jorge Uequed.

O SR. JORGE UEQUED (MDB — RS. Para encaminhar a votação. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Senadores eleitos pelo povo e demais funcionários da Casa.

Aqui nesta Casa, o projeto vai ser aprovado como o Governo quer! Sim, porque o Governo conhece as suas lideranças da ARENA, ele as tem na mão, quase que totalmente. São raras as exceções que votam a favor do povo e contra os interesses do Governo. No Senado, o povo quase não tem representação decisiva, porque o Governo nomeou os biônicos e, com isso, os tem presos à sua mão. (Palmas.) Essa ditadura tem muitas maneiras de conseguir os seus objetivos. Alguns compra pelos recursos financeiros, outros, solapa com o dinheiro do FINOR, outros nomeia como governador. Para alguns da platéia, dá latinhas de iogurte para virem satisfazer a necessidade alimentar. Mas o que essa ditadura não conseguiu dobrar neste País, nestes quinze anos, foi a vergonha da gente brasileira; essa não se dobrou. Essa foi torturada, foi massacrada, foi humilhada, foi roubada, foi estropiada mas permanece a reclamar por um estado de direito e por liberdade. O povo saiu, saiu e pediu anistia.

Alguns arenistas agora já não falam mais em corrupção nem de subversão. Os arenistas desta Casa já não falam mais da Revolução redentora, já não falam mais no regime salvador. Eles estão apenas tentando proteger os seus quinhões, os seus interesses, os seus mandatos biônicos, as suas nomeações para o INPS, e as suas nomeações para diretores de bancos.

Ouvi aqui nesta Casa, dos homens do Governo, que nós da Oposição temos medo da volta das lideranças de Arraes, de Prestes, de Julião e de Brizola. Não, meus irmãos, nós os queremos no Brasil, porque Brizola, Julião, Prestes e Arraes estão do nosso lado para derrubar a ditadura militar que ocupa o País.

Enganam-se os que pensam que vão nos dividir com a chegada de novas lideranças. Vamos marchar juntos, meus irmãos, para fazer a reforma agrária que o País precisa, para devolver o Brasil a um estado de direito.

A posição do MDB está bem clara, a nossa posição está no nosso substitutivo, clara, límpida, tranqüila, serena e pacificadora. Queremos todos de volta, queremos todos no nosso meio com dignidade, exercendo as suas funções, as suas atribuições.

Queremos os brasileiros unidos. Até os brasileiros que ganharam recursos do FINOR, para ocupar cargos públicos; até os brasileiros que ganharam iogurte para tentar tumultuar o trabalho do Legislativo.

Nós os convidamos, é preciso a unidade da Pátria para salvá-la.

Quando essa ditadura se implantou e expulsou os que serão hoje anistiados, nós devíamos três bilhões de dólares. Agora nós devemos cinqüenta bilhões de dólares, pela incompetência, pela ineficiência e pela fraude.

Oxalá meus irmãos brasileiros, oxalá, Sr. Presidente, para terminar, que os exilados que voltam consigam levantar em V. Ex.ª e nos homens da ARENA que ainda não sentiram o povo, o senso de responsabilidade para um País que foi endividado por uma Revolução que só beneficiou o capital estrangeiro, que baniu esses brasileiros da nossa Pátria e que agora precisa trazê-los de volta, para tentar solucionar os nossos problemas.

Lembro a V. Ex.ª a responsabilidade da ARENA. Lembro a V. Ex.ª que existem presos políticos em greve de fome, que poderão perder a sua vida pela insensibilidade do regime. Lembro a V. Ex.as, da ARENA, as raras e honrosas exceções da ARENA, que também votam com o povo, apesar da pressão do regime; lembro a V. Ex.as: na História, nessa História não há lugar para aqueles que fogem das responsabilidades, não há lugar para aqueles que procuram seus interesses privados e deixam o povo lançado ao seu belprazer.

Os cabelos brancos de V. Ex.ª servirão e terão a obrigação de orientar a sua bancada para honrar o Brasil, para levantar o Congresso Nacional à altura que ele merece e não à condição humilhante que foi lançado.

Era o que tinha a dizer, Sr. Presidente. (Muito bem!)

O SR. PRESIDENTE (Luiz Viana) — Concedo a palavra ao nobre Deputado Cantídio Sampaio.

O SR. CANTÍDIO SAMPAIO (ARENA — SP. Para encaminhar a votação. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, Srs. Congressistas, não importa o dispositivo de pressão que se tenha armado contra o projeto de anistia. Nós, os componentes da Aliança Renovadora Nacional, saberemos cumprir o nosso dever. (Manifestações das galerias.)

Sr. Presidente, sei que quem me vaia é uma fração minúscula do povo brasileiro, (manifestações das galerias) é apenas a patrulha ideológica aqui representada nesta Casa, mas a mim não intimida, nem me constrange, nem me deprime, podem vaiar à vontade, porque aqui falo e voto para o povo brasileiro e não para uma minoria comprometida com a esquerda internacional.

Ora, Sr. Presidente, esse projeto de anistia é o máximo que poderia ser apresentado a esta Casa como motivação para o congraçamento nacional. É necessário que não se façam confusões. Sabe-se bem que hoje no mundo inteiro há um elemento novo que se chama terrorismo e não aqui... (Apupos) — Aos que me vaiam eu peço desculpas por ofendê-los. Não no Brasil apenas, mas no mundo inteiro, desafiando democracias, infernizando a vida das nações que não souberam tempestivamente guardar as estruturas democráticas.

Portanto, Sr. Presidente, este projeto constitui o máximo que se poderia fazer dentro daquele dever impostergável do Presidente da República, de resguardar a ordem desta Nação, para que realmente possamos marchar para o desenvolvimento.

As nações que quiseram ser benignas pagaram muito cedo o seu preço.

Ainda há dias nesta Casa o chanceler espanhol nos falava, com a sua experiência recente, que a anistia irrestrita é uma trampa, é um engodo, porque na verdade os terroristas voltam, voltam ao local do crime, voltam a reincidir. Portanto, Sr. Presidente, foi feito o máximo de concessões, o projeto é tão amplo quanto possível, é o parâmetro que se estabeleceu aqui. A limitação que se fixou é aquela que casa com o mais legítimo interesse da Nação brasileira e não de minorias insatisfeitas.

Sr. Presidente, falou-se agora há pouco que o Presidente João Figueiredo nega a anistia que seu pai conseguiu. Mas, Sr. Presidente, Srs. Deputados, é necessário que se compreenda o papel do estadista. O estadista é um homem que tem responsabilidades com o presente e com o futuro da Nação que dirige, não pode fazer concessões de ordem emocional, e o Presidente da República e a Aliança Renovadora Nacional, sem coação, segura de que cumpre o seu dever, vai dar a sua sanção irrestrita, sim, mas ao projeto que veio do Presidente da República e ao Substitutivo Ernani Satyro. (Muito bem!)